

A Qualidade no Currículo

Eurides de Brito Silva

Se o significado da palavra Currículo tem sido objeto, ao longo dos anos, de enfoque diversificado, não tanto quanto a sua essência, mas quanto a sua abrangência, falar de sua qualidade torna-se mais complexo, devido ao seu caráter morfológicamente subjetivo, pois abstrato.

Mas essa subjetividade não admite desconsiderar a premissa básica e universal de que não há como pensar em pedagogia de resultados sem vincular o currículo ao sucesso do aluno. Currículo esse que deve alicerçar-se nos grandes eixos da educação contemporânea. De acordo com a UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Não é necessária uma análise muito profunda sobre cada um desses eixos, para perceber que o mundo cambiante de hoje exige um cidadão consciente de que a cada dia está adquirindo ou aprofundando conhecimentos; um cidadão permanentemente estimulado a desenvolver novas inteligências, novas habilidades; um cidadão autônomo e capaz de posicionar-se diante do impacto do inesperado em seu cotidiano.

Nessa perspectiva, o currículo de qualidade é aquele que faz a integração horizontal e vertical de conteúdos significativos dos diversos componentes curriculares, transformando a escola num ambiente vivo de aprendizagem, por meio de uma abordagem prática, vinculada a trabalhos que irão preparar cidadãos para entender situações novas e para adquirir novos conhecimentos (aprender a aprender), que é, justamente, a capacidade de adaptação a novas situações numa sociedade em constante mudança. Atende, assim aos princípios básicos da interdisciplinaridade, entendida como diálogo constante dentro de cada área de conhecimento e entre as áreas de conhecimento e a contextualização, concebida como a vinculação do conteúdo ao social, buscando aproximar o aluno da sua cultura.

Assim trabalhando, o currículo permite desenvolver nos alunos competências – capacidade de articular diversos recursos cognitivos em situações específicas e habilidades – e capacitar o aluno pra argumentar, agir, tomar iniciativas, criticar; enfim, ser um agente transformador da sociedade.

Essas habilidades e competências caracterizam-se como atributos intelectuais e cognitivos apreendidos a partir da ação educativa e que tornam o cidadão apto a agir de modo eficiente em qualquer situação de sua vida.

Para que a qualidade do currículo não se constitua letra morta, é necessário que toda a comunidade escolar assuma a responsabilidade pela aprendizagem dos alunos. E, nesse contexto, assume papel relevante o diretor da escola, que deve dominar a doutrina e a filosofia do currículo, exercendo o papel de coordenador de todo o processo pedagógico, estimulando a atuação do professor, preocupando-se com o desempenho dos alunos, reforçando os aspectos positivos e corrigindo disfunções identificadas, a partir de uma avaliação contínua.

Mas, sem dúvida, o professor deve ser o grande construtor da educação de seus alunos, tornando-se um facilitador de aprendizagens significativas e, por consequência, o grande responsável pelas competências e habilidades aprendidas pelos discentes. Assim, ele deve ser o mediador na construção do conhecimento do aluno, exercitando a comunicação professor-aluno e tornando o conteúdo uma ferramenta para apropriação e não uma mera assimilação do conhecimento, um meio e não um fim em si mesmo.

Dessa forma, muda-se o paradigma de aluno apenas receptor para aluno agente de transformação, autônomo, instigado a descobrir e identificar seu percurso de aprendizagem (aprender a ser), exercitando o seu poder de pensar e de transferir para outras situações o que foi interiorizado, desenvolvendo sua capacidade de continuar aprendendo (aprender a aprender). E ainda, como participante da construção coletiva do conhecimento, desenvolvendo a capacidade de se relacionar positivamente com o outro (aprender a conviver).

Para tanto, o professor terá que mudar o seu modo de trabalho, tornando-se, essencialmente, um professor preocupado em conferir nova significação aos seus conteúdos, partindo de problemas concretos dos alunos (problematização), permitindo a formulação de hipóteses por eles a partir de sua bagagem, capacitando-os à tomada de decisões e à argumentação para que haja ações transformadoras.

A necessidade de mudanças é urgente, pois não é mais possível continuar com o mesmo modelo de currículo, sob pena de o papel da educação ser assumido por outras instâncias de formação.

Por fim, a qualidade do currículo pressupõe, também, uma nova forma de avaliar que possibilite uma prática pedagógica de inclusão, respeitando as diferenças, os interesses, as capacidades e as aptidões, cabendo à escola proporcionar oportunidades de ensino e de aprendizagem que permitam seu pleno desenvolvimento.

Para melhor elucidar essa necessidade de mudança urgente no currículo é que julgamos pertinente transcrever o depoimento de um aluno, publicado em “Childhood Education”, a respeito do equívoco do processo em termos de seleção de conteúdo e de objetivos a serem atingidos:

“Não, eu não vou bem na escola. Esse é o meu 2º ano na 7ª série e sou muito maior do que os outros alunos. Entretanto, eles gostam de mim. Não falo muito em aula, mas fora de sala sei ensinar um mundo de coisas. Eles estão sempre me rodeando e isso compensa tudo o que acontece em sala.

Eu não sei porque os professores não gostam de mim. Na verdade, eles nunca acreditam que a gente sabe alguma coisa, a não ser que se possa dizer o nome do livro onde a gente aprendeu. Tenho vários livros lá em casa. Mas não costumo sentar e lê-los todos, como mandam a gente fazer na escola. Uso meus livros quando quero descobrir alguma coisa. Por exemplo, quando a mãe compra algo de segunda mão e eu procuro no Catálogo da “Sears” ou da “Words” para dizer se ela foi tapeada ou não. Sei usar o índice rapidamente e encontrar tudo o que quero.

Mas, na escola, a gente tem de aprender tudo o que está no livro e eu não consigo guardar. Ano passado, fiquei na escola depois da aula, todo dia, durante duas semanas, tentando aprender os nomes dos presidentes. Claro que conhecia alguns como Washington, Jefferson, Lincoln. Mas é preciso saber os 30, todos juntos e em ordem. E isso eu nunca sei. Também não ligo muito, pois os meninos que aprendem os presidentes têm que aprender os vice depois. Estou na 7ª série pela 2ª vez, mas a professora agora não está muito interessada nos

presidentes. Ela quer é que a gente aprenda os nomes de todos os grandes inventores americanos.

Acho que nunca conseguirei decorar nomes em História. Esse ano, comecei a aprender um pouco sobre caminhões porque meu tio tem três e disse que posso dirigir um quando fizer 16 anos. Já sei bastante sobre cavalo a vapor e marchas de 26 marcas diferentes de caminhão, alguns a diesel. É gozado como os motores a diesel funcionam. Comecei a falar sobre eles com a professora de Ciências na quarta-feira passada, quando a bomba que a gente estava usando para obter o vácuo esquentou. Mas a professora disse que não via a relação entre um motor a diesel e a nossa experiência sobre pressão do ar. Fiquei quieto. Mas os colegas parecem gostar. Levei quatro deles à garagem do meu tio e vimos o mecânico desmontar um enorme caminhão a diesel. Rapaz, como ele entende disso...

Eu também não sou forte em Geografia. Nesse ano, eles falam em Geografia Econômica. Durante toda a semana estudamos o que o Chile importa e exporta, mas não sei bulhufas. Talvez porque faltei aula, pois meu tio me levou em uma viagem a mais ou menos 200 milhas de distância. Trouxemos duas toneladas de mercadorias de Chicago. Meu tio tinha me dito aonde estávamos indo e eu tinha de indicar as estradas e as distâncias em milhas. Ele só dirigia o caminhão e virava à direita ou à esquerda quando eu mandava. Com foi bom! Paramos sete vezes e dirigimos mais de 500 milhas ida e volta. Estou tentando calcular o óleo e o desgaste do caminhão para ver quanto ganhamos.

Eu costumo fazer contas e escrever as cartas para todos os fazendeiros sobre porcos e bois trazidos. Houve apenas três erros em dezessete cartas e, minha tia diz: só problemas de vírgulas.

Se eu pudesse escrever composições bem, assim. Mas, outro dia, o assunto da composição na escola era: “O que uma rosa leva da primavera”. E não deu...

Também não dou para matemática. Parece que não consigo concentrar-me nos problemas. Um deles era assim: Se um poste telefônico com 57 pés de comprimento cai atravessado em uma estrada de modo que 17 pés sobram de um lado e 14 de outro, qual a largura da estrada? Acho uma bobagem calcular

largura de estrada. Nem tentei responder, pois o problema também não dizia se o poste tinha caído reto ou torto.

Não sou bom em Artes Plásticas. Todos nós fizemos um prendedor de vassoura e um segurador de livro. Os meus foram péssimos. Também, não me interessei. A mamãe nem usa vassoura desde que ganhou o aspirador de pó e todos os nossos livros estão dentro de uma estante com porta de vidro. Quis fazer uma fechadura para o “trailer” do meu tio. Mas a professora não deixou, pois eu teria de trabalhar só com madeira. Assim, fiz essa parte de madeira na escola e o resto na garagem do meu tio. Ele disse que economizou mais ou menos 10 dólares com meu presente.

Moral e Cívica também é fofo! Andei ficando depois da aula, tentando aprender os artigos da Constituição. A professora disse que só poderíamos ser bons cidadãos sabendo isso. E eu quero ser bom cidadão. Mas detestava ficar depois da aula, porque um bando de meninos estava limpando o lote da esquina para fazer um ‘playground’ para as crianças do ‘Lar Metodista’. Eu até fiz um conjunto de barra, usando canos velhos. Conseguimos jornais velhos para fazer uma cerca de arame em volta do lote. O papai disse que eu posso sair da escola quando fizer 15 anos. Estou doido para isso, porque há um mundo de coisas que eu quero aprender a fazer e já estou ficando velho”.

(Traduzido e adaptado por Maria Lúcia Serra Vilhena de: Corey Stephen; “The Poo Scholar’s Soliloquy. *Childhood Education*. 20; 219-220, january, 1944).

O currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal, ora em implantação e em caráter experimental, é centrado em competências e habilidades, por concordar com a afirmativa de Philippe Perrenoud, no livro *Construir as Competências desde a Escola*: “a evolução do sistema educacional rumo ao desenvolvimento de competências é uma hipótese digna de maior atenção. Talvez seja a única maneira de salvar, de imediato, uma forma escolar que se está esgotando, por não se perceber alguma alternativa visível”.

A construção desse Currículo, no Distrito Federal, ocorreu, no ano passado, mediante as seguintes estratégias:

- Leitura e discussão de textos e documentos (fundamentação teórica);
- Constituição de uma Comissão Intermediária com um representante de cada uma das doze Gerências Regionais de Ensino, e técnicos da Diretoria de Educação Média e Tecnológica, da Diretoria de Ensino Especial e da Diretoria de Educação de Jovens e Adultos;
 - Formação de Subcomissão por componente curricular e constituída de professores regentes de classe requisitados nas salas de aula para dedicarem-se a esse trabalho, iniciado após estudo da legislação e de bibliografia apropriada;
 - Discussão do trabalho, de forma interdisciplinar (por área de conhecimento) e contextualizada;
 - Reuniões sistemáticas entre professores das Subcomissões e aqueles em regência de classe, por componente e por área de conhecimento;
 - Contratação de consultor para orientar as subcomissões;
 - Realização de palestras e “workshops”, envolvendo professores, coordenadores e diretores de escolas para esclarecimentos sobre o novo Currículo (muitas vezes com a participação do Ministério da Educação).

No corrente ano, esse novo currículo está sendo implantado, em caráter experimental, por dois anos, possibilitando uma avaliação criteriosa, a partir das seguintes atividades:

- Discussões mensais, com professores e coordenadores, nos turnos matutino, vespertino e noturno;
- Análise de sugestões de mudanças, enviadas pelo correio ou Internet;
- Orientação mensal aos coordenadores pedagógicos quanto à operacionalização do currículo.

No sentido de viabilizar o trabalho interdisciplinar é que esta Secretaria de Estado de Educação proporciona aos professores de Rede Pública de Ensino com carga horária de 40 horas semanais, 10 horas/aula de coordenação pedagógica, em turno contrário, distribuídas da seguinte forma:

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Coordenação pedagógica das três áreas de conhecimento (juntas).	Coordenação pedagógica individual dos componentes curriculares: Física, Química, Biologia e Matemática.	Coordenação pedagógica de cada área do conhecimento (separadas por áreas).	Coordenação pedagógica individual dos componentes curriculares: Língua Portuguesa, LEM, Arte e Ed. Física.	Coordenação pedagógica individual dos componentes curriculares: Geografia, História, Filosofia e Sociologia.

Vale dizer que, no Distrito Federal, os professores trabalham em regime de 20 ou de 40 horas semanais, sendo que a grande maioria optou pela carga maior. No ciclo semanal, o professor de 40 horas tem regência efetiva em um turno de 5 horas/relógio (6 horas/aula), perfazendo uma carga de 30 horas/aula. No outro turno, as 10 horas restantes se destinam à coordenação pedagógica, tendo ainda, cada professor um período livre (tarde ou manhã, no mesmo turno da coordenação) para ele dispor como desejar, sem obrigatoriedade de comparecer à escola.

Essa implantação tem enfrentado algumas dificuldades, o que não chega a surpreender. O que é lamentável são as formas de manifestação e algumas razões apontadas, que evidenciam preocupação com interesses próprios e não com os do aluno, tais como:

- Resistência de alguns professores, alegando ser exigência de um governo federal ao qual resta pouco tempo de gestão e, brevemente, tudo será mudado;
- Resistência de alunos que, influenciados por professores, insistem em afirmar que serão prejudicados em seu objetivo de ingressar no curso superior;
- Noticiário da imprensa, que, na maioria das vezes, dá mais espaço aos críticos, anteriormente citados, do que aos professores que elaboraram a proposta.

Todavia, há outros motivos compreensíveis, como a dificuldade do professor, acostumado a trabalhar de uma forma bem distante da que lhe está sendo apresentada, ocasionando insegurança e resistência. E a alternativa é dar possibilidade ao professor de se

atualizar e aperfeiçoar com a formação continuada. Nessa linha, o Distrito Federal vem desenvolvendo ações, tais como:

- Cursos sobre a nova abordagem curricular, atendendo aos professores de alunos portadores de deficiências auditiva, mental, visual e da fala, de condutas típicas e de estimulação precoce;
- Cursos na área de Educação Ambiental, de Adolescência e Sexualidade, de Pluralidade Cultural, contemplando os temas transversais abordados no Currículo da Educação Básica;
- Cursos sobre Dificuldade de Aprendizagem, o Lúdico como fator de construção do conhecimento, Criatividade, Processos de Aquisição da Leitura e da Escrita, Pensamento Lógico Matemático, Produção de Textos e Avaliação;
- Cursos sobre a nova abordagem das Ciências Naturais;
- Curso de Língua Portuguesa e Matemática à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais;
- Curso de formação de formadores em Educação de Jovens e Adultos;
- Curso sobre Princípios, Fundamentos e Perspectivas do novo Currículo – à distância;
- Curso sobre Pedagogia de Projetos.

Entretanto, essas dificuldades têm-se reduzido à medida que os professores participam de cursos, assistem a palestras e lêem livros e artigos, que ratificam a doutrina moderna que permeia todo o currículo das escolas públicas, a partir de uma visão humanista, centrada no aluno, e que anulam qualquer argumento que lhe seja contrário.

Bibliografia.

1. Lei n ° 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional
2. Conselho Nacional de Educação. Parecer n ° 15/98 de 01/06/ 98. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília. CNE/CCB
3. Governo Federal – MEC- Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino
4. GDF – SE – FEDF, Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal – Ensino Médio.
5. PERRENOUD, Philippe. *Construir competências desde a escola*. Porto Alegre, Artmed, 1999.
6. SILVA, Eurides Brito. *Recuperação de Estudos*. Parecer n ° 2.164. Documenta (212). Brasília, julho, 1978.